



## GT 041. Islã e suas interfaces no Brasil e no mundo

Francirossy Campos Barbosa (USP) - Coordenador/a, Sonia Cristina Hamid (Instituto Federal de Brasília) - Coordenador/a, Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto (Universidade Federal Fluminense) - Debatedor/a

O Islã é uma das religiões que mais cresce no mundo, tendo, inclusive, forte presença em países ocidentais. Apesar disso, ele segue sendo ideologicamente construído de modo orientalista, visto como uma religião exótica e retrógrada, além de uma ameaça a um suposto ordenamento secular ocidental. De modo a superar uma visão essencialista e homogênea do Islã e de seus praticantes, buscamos o diálogo com pesquisadores que vêm se dedicando a investigações sobre esta religião em suas variadas intersecções com questões nacionais, econômicas, étnicas, raciais, geracionais, de classe, de gênero e/ou de instrução. Da mesma forma, buscamos abordagens que mostrem as relações entre fenômenos globais e locais e que apontem, por exemplo, de que modo eventos políticos que ocorreram ou vêm ocorrendo em países com populações de maioria muçulmana – primavera árabe; radicalização de grupos religiosos; guerras civis em países como a Síria; deslocamentos populacionais – influenciam as percepções e as vidas de homens e mulheres muçulmanos de diferentes maneiras, globalmente. Aceitamos tanto propostas que abordem estas questões a partir de perspectivas exclusivamente teóricas, quanto aquelas que apresentem pesquisas empíricas.

### **Etnografia em comunidades muçulmanas: o marcador de gênero na construção dos dados**

**Autoria:** João Rodolfo Lopes Pereira

As diferentes formas de Islã são um universo à parte. No Brasil, as comunidades muçulmanas possuem cerca de um milhão de membros e constituiu-se a partir de imigrações vindas do Oriente Médio no século XIX e conversão de brasileiros (PINTO, 2005, p. 230). Cada comunidade muçulmana requer do pesquisador diferentes estratégias de inserção, comportamento e coleta de dados. Conhecer os códigos de conduta da comunidade a qual se pretende estudar pode ser um desafio para pesquisadores que nunca tiveram qualquer contato com o Islã, pois não pode ser completamente apreendida pelos textos sagrados do Islã, mas devem ser apreendidos durante a pesquisa de campo. Uma das questões mais recorrentes em etnografias em comunidades muçulmanas que influem na construção dos dados é a dinâmica de gênero. Ferreira (2009, p. 444) nos mostra como a construção dos espaços constroem a performance a ser assumida por ela, quanto mulher, em sua experiência etnográfica ao lado de mulheres muçulmanas. É um universo de meandros, de gentilezas, de comportamento recatado, olhar baixo, ouvidos atentos, gestos comedidos, e até mesmo extravagantes, dependendo da situação. As imposições de uma performance de gênero não são apenas construídas na materialidade do corpo da etnógrafa, mas também no entorno, nas cercanias e nos circuitos da ação. Estas performances são construções socioculturais de um discurso no qual afirma que cabe à mulher o cuidado com a casa e com os filhos e ao homem a obrigação de provê-los pois as mulheres são mais sensíveis, emocionais, em contraposição aos homens, que são mais independentes e autoritários, organizando assim o espaço numa divisão de gêneros onde a esfera privada é o lugar feminino e a esfera pública o espaço masculino (FERREIRA, 2009, p. 449 apud HAMID, 2007, p. 109). Esta divisão do espaço organiza a circulação de homens e mulheres, que ficam limitados a determinadas áreas da casa e da mesquita. Pode-se perceber, a exemplo, nos momentos de oração na Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro os espaços reservados aos homens e às mulheres. [...] há uma pequena parte da sala que lhes fica simbolicamente reservada, uma vez que como regra religiosa, a mulher deve ficar atrás do homem nas orações (CHAGAS, 2006, p. 74). Por conta desta configuração sociocultural, a inserção no



campo, assim como a construção de contatos e a performance do etnógrafo durante a pesquisa atravessa questões de gênero. Este artigo, portanto, objetiva compreender como o tema gênero passa a se configurar como marcador na construção dos dados em pesquisas etnográficas. Para isto, analisar-se-á teses e dissertações na área de antropologia defendidas em universidades brasileiras entre 2005 e 2017 a partir da temática de gênero.

[Trabalho completo](#)



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

